



APRESENTAÇÃO  
DE ARTIGOS  
LIVRES E FONTE

Para nós, da Revista Trilhas da História, não existem temas acadêmicos maiores ou menores, mas temos a ousadia de afirmar que, em 2024, os dossiês (incluindo uma preciosa edição especial), os artigos, os ensaios, as resenhas e fontes publicados em nosso periódico tocaram os pontos candentes de nosso tempo e do nosso campo do conhecimento. Reiteramos isso agora, na última edição do ano, com o importante Dossiê “Amazônia: territórios, migrações e fronteiras” e nesta seção, com quatro artigos livres e um texto de apresentação de fonte.

Repetimos também a ênfase no fato de que o que os leitores e as leitoras encontrarão por aqui é a junção de três elementos fundamentais: a produção acadêmica de pesquisadores e pesquisadoras comprometidos com a divulgação de suas investigações; a disponibilidade generosa de avaliadores e avaliadoras e; o trabalho voluntário de professoras e de um grupo abnegado de estudantes do Curso de História da UFMS, Campus de Três Lagoas.

Sem apoio técnico, recursos ou equipamentos, por um lado, torna-se sempre fundamental frisar que meninas e meninos da graduação de uma universidade pública periférica trabalhem até nas férias letivas, por confiarem na importância do resultado que ora é entregue às leitoras e aos leitores. Por outro lado, urge desnaturalizar a escassez de recursos com que os periódicos se produzem e reproduzem, especialmente de instituições e cursos das periferias. Temos insistido nestes argumentos nas apresentações da seção de artigos livres porque ainda acreditamos que a divulgação séria realizada pelos periódicos acadêmicos é instrumento de formação e transformação, na contracorrente da crescente burocratização e automação dos órgãos de fomento. Então, como de praxe, eis aqui uma edição forjada no engajamento de pessoas e alicerçada no trabalho coletivo, a despeito de tudo.

Abrimos a seção de artigos livres com o texto “Cristiano B. Ottoni Senador e o esforço por uma transição política rumo à modernidade no Brasil imperial”, de Miguel Vitor de Araújo Vieira. No artigo, utilizando-se dos registros de discursos do próprio senador como fonte, Vieira nos apresenta à figura de Ottoni como importante para pensar os diferentes posicionamentos políticos do período (última metade do século XIX), sobre a abolição da escravidão, o voto universal, a reforma política, o desenvolvimento da indústria, a ampliação das ferrovias, entre outros temas que incidem sobre o debate certamente complexo da modernidade no Brasil. O autor recusa a ideia de que, mesmo sendo um político a favor da abolição e do sufrágio universal, Ottoni seja considerado “um homem à frente do seu tempo”, justamente porque demonstra, no texto, as diferentes faces e influências que marcaram aquele tempo e expressam a riqueza da História.

O segundo artigo livre dessa edição é de José Carlos Freire, intitulado “Literatura e História: O dever de memória da ditadura no Brasil”. É interessante notar que não se trata de um apanhado de resenhas de romances que tematizam a ditadura, mas de debater a própria historiografia que aborda essa relação entre literatura e ditadura. Produzindo recortes originais, o autor também destacou como os trabalhos da CNV ocupam um papel decisivo no debate, não só por ter fomentado a retomada da produção ficcional, mas também porque se constituem como matéria histórica a ser

elaborada na dimensão estética. É nessa condição que Freire fundamenta e alude à literatura como testemunho, como forma de nos fazer reconhecer os dilemas de um tempo, como portais de arquivos e memória. Para tanto, sua discussão mobiliza Theodor Adorno e Walter Benjamin, nos apresentando com novas e sensíveis janelas para espreitarmos temas cruciais como as ameaças à democracia e o neoliberalismo que marcam o tempo presente.

O terceiro texto da seção de artigos livre é de Núbia Sotini dos Santos e se chama “De olho no espelho europeu: A construção de espaços de ciência no Brasil oitocentista”. Nele, a autora aborda a inserção da medicina convencional europeia e do ensino médico no Brasil após a vinda da família real em 1808, discute os conceitos e representações de cidade e trata do processo de higienização do Rio de Janeiro para aquele período. O destaque é para as políticas e práticas higienistas que visavam ordenar a urbe com os desejados novos comportamentos burgueses, o que resultava na disciplinarização não apenas da cidade, mas também dos corpos, especialmente das pessoas pobres e pretas. O texto acaba por se aprofundar nas fronteiras do higienismo com as questões raciais, pois elabora uma leitura contracolonial de uma sociedade escravista, prenhe de vielas desordenadas e de corpos negros, demarcada pelo binômio “limpo x sujo”, em que “negros e negras, indígenas e pobres correspondiam a uma anormalidade que distorcia o espelho europeu constantemente”. É um texto com a densidade que se espera, e que nos ajuda a enxergar tanto a ciência médica quanto a cidade com uma historicidade capaz de demolir qualquer naturalização sobre as coisas que nos cercam rotineiramente.

Finalizando os artigos livres, temos o texto “Um espaço não escolarizado e a História Regional”, de Andressa da Rosa Souza, Neli Teresinha Galarce Machado e Stella Maria Carvalho de Melo. A proposta das autoras se aproxima de uma curadoria patrimonial pedagógica para espaços e monumentos específicos da cidade de Taquari (RS). Para tanto, elas elegeram quatro lugares, sendo (1) A Igreja São José de Taquari, construída em 1768; (2) a sede do jornal O Fato Novo, erguida na segunda metade do século XIX; (3) uma residência específica, exemplificando o estilo colonial barroco açoriano; e (4) um monumento inaugurado em 2019 em homenagem aos açorianos. Combinando crítica documental com imersões em campo, em abordagem da História Cultural, as autoras relacionam arquitetura, cidade, memória e História, considerando a colonização açoriana e a presença (muitas vezes negada) de negros e indígenas na história da cidade. Partem daí para sugerir novas abordagens pedagógicas ao patrimônio mnemônico apresentado, sugerindo a criação de um itinerário educacional crítico. Uma leitura certamente inspiradora para professores e professoras que reconhecem que a sala de aula é também o mundo.

Nesta edição, além dos artigos livres, temos um texto de apresentação de fontes. Trata-se do “O *Almanaque Ilustrado* de 1928 como fonte para o estudo da História de Mato Grosso do Sul”, escrito por Henry Marcelo Martins da Silva. Antes de apresentar a referida fonte, o autor é cuidadoso em definir e contextualizar o uso e produção dos almanaques, discorrendo sobre sua importância nos processos econômicos e sociais do início do século XX. A fonte escolhida era organizada por Elmano Soares, jornalista oriundo do estado de São Paulo que estabeleceu, nas primeiras décadas do século XX, em Três Lagoas-MS, uma tipografia e o jornal *Gazeta do Comercio*. A pretensão

de Soares parecia ser abarcar, com a publicação, a região de sul de Mato Grosso (hoje Mato Grosso do Sul) e o noroeste paulista, que se avizinha a Três Lagoas. Henry Silva narra, contudo, que os planos do jornalista sofreram revezes e mesmo a dimensão técnica teve de ser reconfigurada por conta das condições tipográficas disponíveis (ou indisponíveis), trazendo-nos elementos que extrapolam a própria fonte. Sobre o almanaque, o autor do texto mobiliza trechos e imagens que nos instigam a explorar a referida fonte, argumentando que, por ser “repleto de informações, apresenta diversas possibilidades para a compreensão da ocupação do território e formação de importantes municípios de uma região que viria constituir, no futuro, o Estado de Mato Grosso do Sul”. Com isso, o documento torna-se valioso para pesquisadores que pretendam compreender a contraditória ocupação desse território, mas também pode ser considerado interessante para leitores, especialmente sul-mato-grossenses, movidos pela curiosidade histórica sobre sua cidade ou região.

Com os cinco textos da seção aqui apresentados, além do dossiê, desejamos encerrar as edições de 2024 suscitando, para 2025, novas pesquisas, provocando debates, fortalecendo a divulgação científica, assistindo e participando da desejada valorização da pesquisa e do ensino em História. Boas leituras!

Janeiro de 2025

As editoras:

Dolores Puga, Mariana Esteves de Oliveira  
Rubia Dara Leão de Jesus e Wayla Silva Sá